

asmob 01.201,3

ASTROBILDO PEREIRA

A CRÊNE DA LEONOR



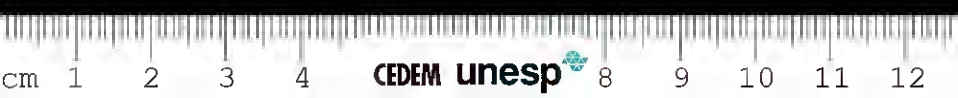
Preço 200 réis

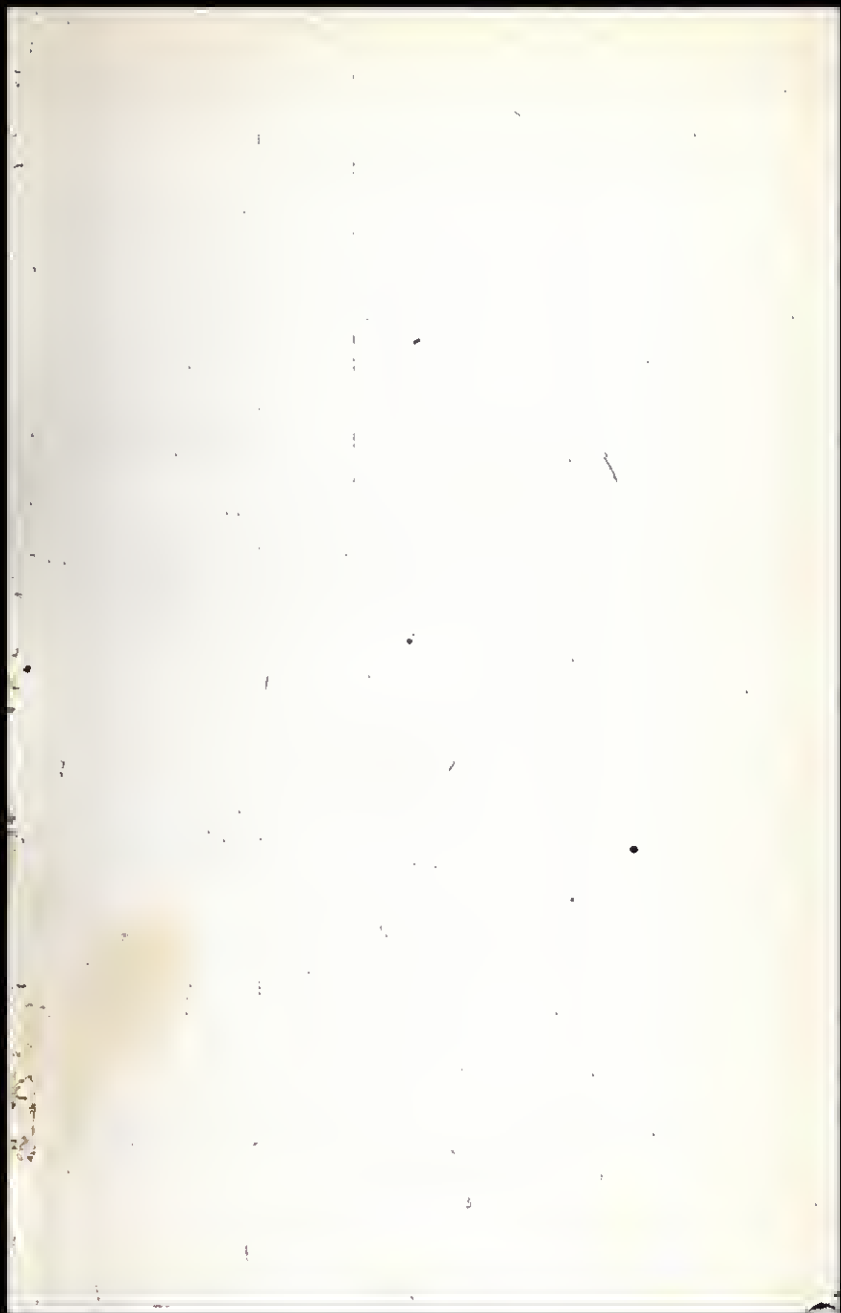
COLEÇÃO "SPARTACUS"

RIO DE JANEIRO

1920









A Gréve da Leopoldina



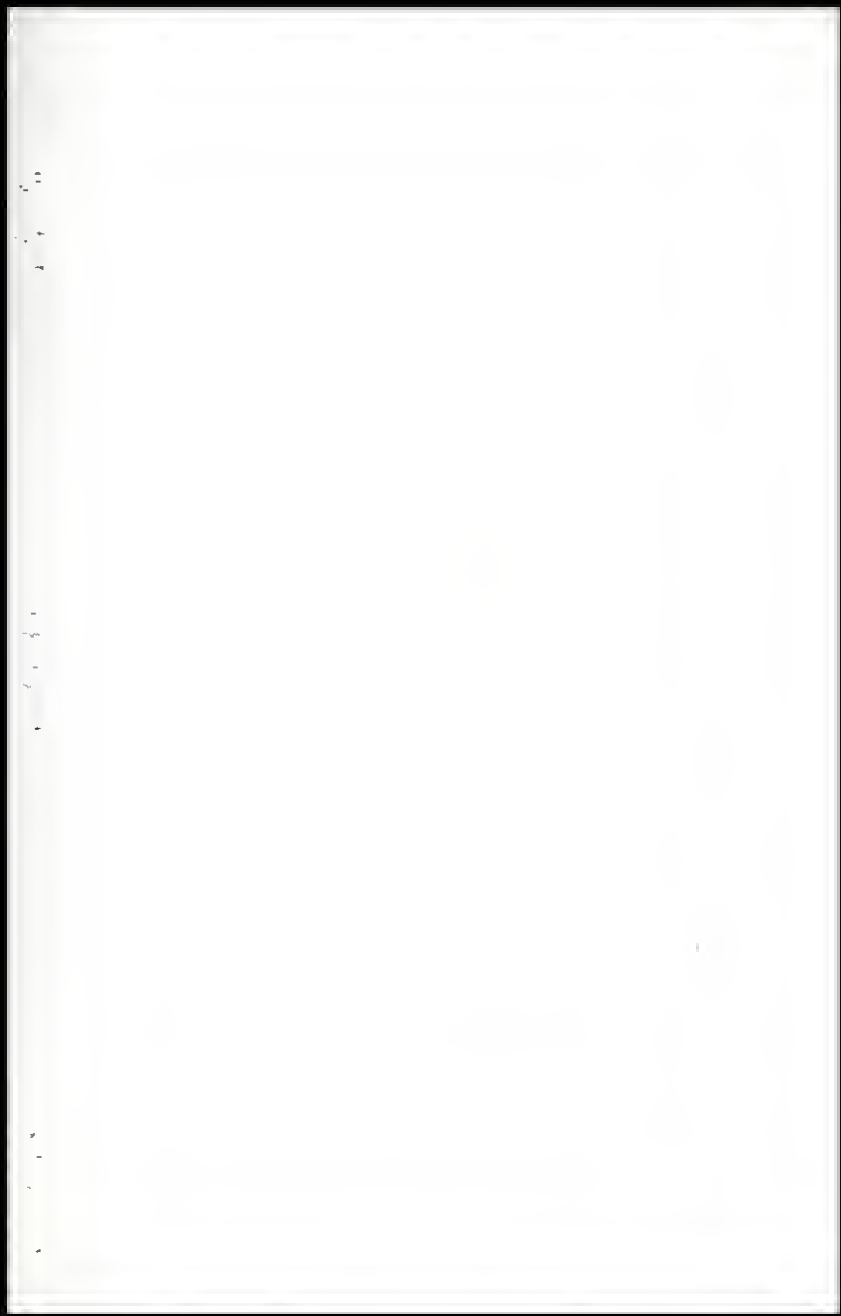
Terminada a batalha

Terminada a batalha, é já tempo de um balanço geral das suas condições e dos seus resultados. Sobre-tudo, é de elementar inteligência e de preliminar necessidade anotar e aproveitar as lições decorrentes da luta. Compreende-se: ha que nortear o presente segundo os ensinamentos do passado, para que, de futuro, se não venha a incidir nas mesmas faltas e nos mesmos erros. A experiência é a grande mestra e é dela que dimana o melhor saber.

As origens da gréve

Depois de sucessivas reuniões, a Liga Operaria de Além Paraíba, composta de empregados da Leopoldina Railway, convocou uma assembléa geral extraordinaria, que se realizou a 25 de fevereiro e na qual se aprovaram definitivamente as reivindicações a serem apresentadas á directoria da Companhia. A 7 de março a Liga fez publicar e distribuir o manifesto seguinte, formulando e defendendo os motivos das referidas reivindicações:

«Os empregados da Leopoldina Railway á muito digna directoria da Estrada, ás autoridades competentes e ao publico em geral:



Considerando que os seus vencimentos não são suficientes para fazer face ao custo da vida no momento atual;

Considerando que a Companhia não tem sido equitativa para com os seus empregados, visto como tem aumentado os vencimentos somente de alguns, deixando de contemplar a outros, de modo que ainda existem empregados ganhando o mesmo ordenado de ha seis ou sete anos, quando o custo da vida era menos da metade do atual;

Considerando que a maioria dos empregados da Companhia vive sob um rejimem de trabalho incessante, sem um dia nem uma hora de descanso, depauperando assim o organismo e embrutecendo o espirito, pois existem muitos que trabalham 12, 15 e até 20 horas por dia;

Considerando que a Companhia procura todos os meios de explorar os seus empregados, não atendendo na maioria dos cazos ás suas justas reclamações;

Considerando que os enpregados da Leopoldina Railway não têm garantia alguma, ficando sempre á mercê dos caprichos de qualquer chefe;

Considerando que a Companhia tem um numero avultadissimo de empregados adidos que, não obstante prestarem serviços iguais aos efetivos, perdendo o melhor de sua mocidade no serviço da Companhia, não têm as mesmas garantias desta, sendo evidente que a Companhia procura assim fugir de possiveis obrigações perante a futura legislação social;

Considerando que a Companhia obstina-se em não aceitar novos empregados, apesar da atial falta de braços, fiada na capacidade de trabalho e na tolerancia do seu pessoal, comprometendo não só a saude e bem estar dos mesmos, como tambem a segurança e os interesses do publico em jeral;

Considerando que Companhia não cuida da hijiene nas suas oficinas;

Os empregados da Leopoldina Railway pedem, por intermedio da Liga Operaria de Além Paraíba, as seguintes melhoras e garantias:

EMPREGADOS DIARISTAS

a) Aumento de 200 réis por hora sobre os ordenados atuais;

b) Os aprendizes passarão a ganhar 100 réis, 200 réis, 300 réis, 400 réis e 500 réis por hora do 1.º ao 5.º ano de aprendizagem;



c) Abolição do trabalho aos domingos;

d) Todo trabalho extraordinario depois da oitava hora, dias feriados, etc., será pago pelo dobro;

e) Não será permitido o trabalho extraordinario para descontar ou trocar por horas ordinarias;

f) Todos os empregados mensais terão um aumento de 50\$000 e direito a 4 dias de descanso por mez;

g) Todos os empregados que tenham mais de 6 mezes de serviço serão considerados efetivos;

h) Para demittir, suspender ou remover qualquer empregado, a Companhia justificará perante a diretoria da Liga sobre os motivos que determinaram a sua attitude. Eectuan-se desta alinea os empregados da Via Permanente. Aos empregados que forem suspensos a Companhia é obrigada a declarar quanto tempo ficarão suspensos, ficando abolido o sistema de suspensão por tempo indeterminado.

Fica entendido que a Companhia deverá accitar mais empregados nos lugares onde ha falta de pessoal para o serviço.

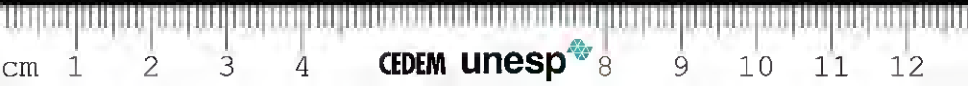
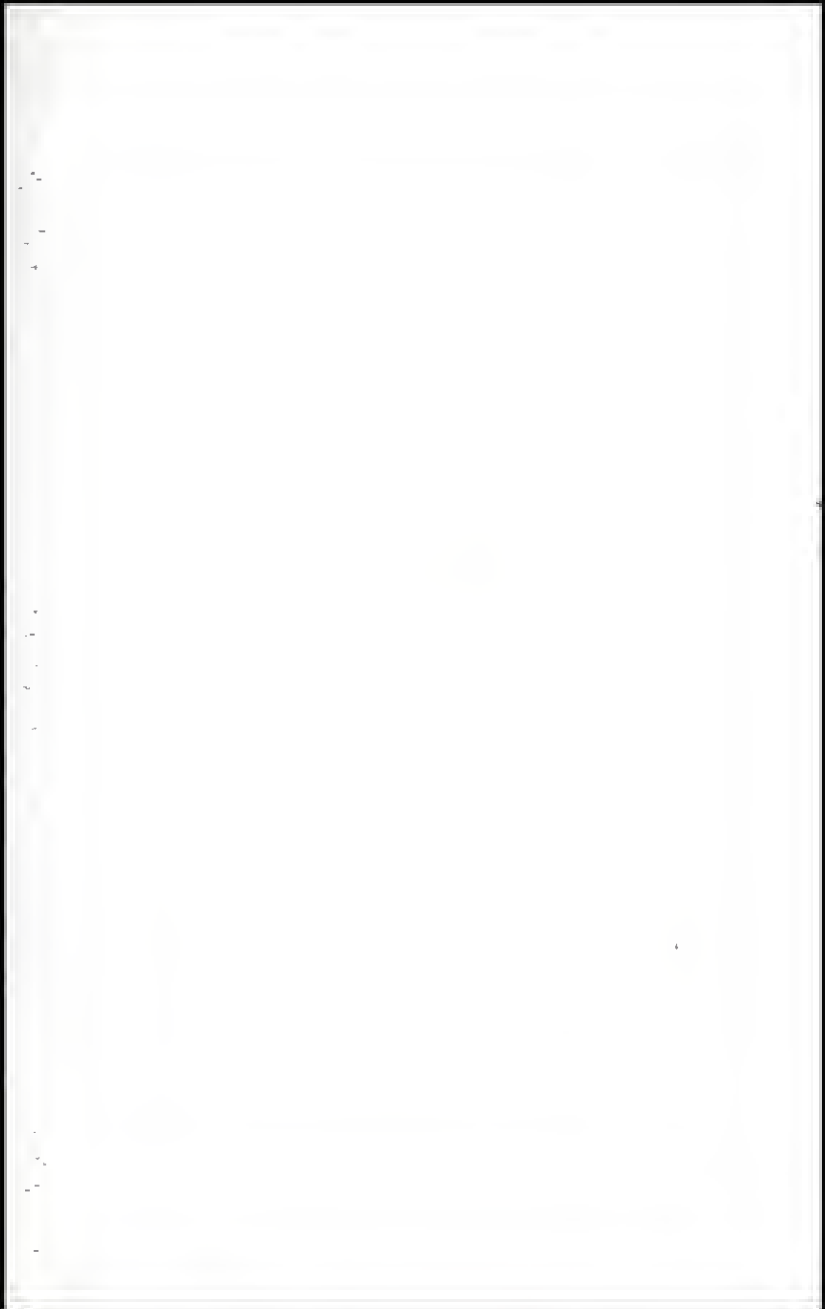
Em cada uma das oficinas da Companhia será nomeado um dos associados da Liga para fiscal de higiene.

Aprovado em assembléa jeral extraordinaria na scde central, a 25 de fevereiro, e nas filiais de Cataguazes, Cachoeiras e Macaê.

Não sendo atendidos em suas reclamaçõis até o dia 15 do corrente, os empregados da Leopoldina Railway de todas as repartiçõis e de todas as categorias deixarão de comparecer aos seus respectivos serviços no dia immediato, declarando-se em grêve pacifica.

Si a Companhia, em lugar de atender, enveredar pelo caminho das reprezalias antes desse dia, removendo ou dispensando seus empregados, a parede jeral será declarada immediatamente.

A grêve será mantida até a Companhia accitar as condiçõis acima, sendo esta obrigada a abonar os dias ao pessoal sem exceção de classe ou categoria. Os vijias serão os unicos que não deverão abandonar os seus postos e todos os empregados da Companhia deverão velar pela conservação dos bens e do material da Companhia. O pessoal se manterá firme em toda a linha, até a vitoria final, não devendo dar crédito a boatos tendenciozos, e só retomando o serviço mediante circular ou telegrama espedido pelo sr. diretor-gerente da Companhia declarando que aceita as condiçõis apizen-



tadas pela Liga; este avizo poderá também ser dado pelo presidente da Liga.

A nossa força consiste na maior calma possível e todo aquele que cometer violências ficará sem o direito que lhe é devido.

Outrosim, os empregados da Leopoldina Railway, concedendo um prazo mais que suficiente para que a Companhia possa dar solução a este pedido, sem chegar aos extremos de uma greve geral, e conhecido como é o mau vezo da Companhia em não dar importância a reclamações de qualquer natureza, declaramos que sobre ela escluizivamente recairá a responsabilidade da paralização que porventura possa ser consumada pelos operários e funcionarios da Leopoldina Railway, em despe-ro da cauza.

CAMARADAS!

Alerta com os cães de fila e com os Iscariotes que procuram subir de posto por meio da traição e á custa das miserias alheias. E' sumamente necessario evitar-lhes o contato.

Alerta com os boatos.

Sejamos firmes na defesa dos nossos direitos, como no cumprimento dos nossos deveres.

Além Paraíba, 7 de março de 1920.—*A Diretoria*».

Escravidão e miseria

Os trabalhadores da Leopoldina são dos mais explorados do Brazil. A sua situação sempre foi de pozitiva miseria e escravidão. Trabalho sobrehumano e salarios irrizorios. Eis alguns algarismos edificantes, colhidos nas tabelas em vigor:

Ajentes: por mez, 120\$000, 150\$000, 160\$000, 170\$000, 180\$000, 200\$000, 225\$000, 250\$000, 300\$000, 350\$000 e 400\$000. São em grande maioria os de 120\$000 a 170\$000. Limitados, os de 180\$000 a 300\$000. Limitadissimos, os de 350\$000 a 400\$000.

Conferentes: por mez, 100\$000, 120\$000, 150\$000, 180\$000 e 200\$000. Raros, os de 200\$000.

Telegrafistas: por mez, 90\$000, 100\$000, 120\$000 e 150\$000. Raros, os de 150\$000.



Guarda-chaves e vigias: por dia, 2\$500 a 4\$000. Pouquíssimos, os de 4\$000.

Condutores: por mez, 120\$000, 150\$000, 160\$000, 180\$000, 200\$000, 250\$000 e 300\$000. Formam maioria os que alcançam até 160\$000. Os de 180\$000 e 200\$000 são poucos. Pouquíssimos, os de 250\$000 e 300\$000.

Guarda-freios: por dia, 3\$200 na jeneralidade.

Mauquinistas: por dia, 5\$000, 6\$000, 7\$000, 8\$000, 9\$000 e 10\$000. Na maior parte, os de 5\$000 e 6\$000. Contam-se os de 9\$000 e 10\$000.

Foguistas: por dia, 4\$000 e 5\$000.

Mestres de obras: por mez, 150\$000 a 300\$000.

Mestres de linha: por mez, 200\$000 a 250\$000.

Feitores de turma: por dia, 3\$000 a 4\$000.

Trabalhadores: por dia, 2\$200 e 2\$500.

Horas de trabalho? Isto é conforme. Não ha tabela fixa: 12, 14, 16, 18, 20 horas por dia... Ao sol, á chuva, de dia, de noute. De resto, a Leopoldina é uma empreza fundamentalmente anticronometrica. Como os seus empregados, tambem os seus trens não têm horario. O atrazo deles é tradicional. Os seus relogios são relogios para inglez ver...

As reclamações formuladas pela Liga Operaria de Além Paraíba eram mais que justissimas, eram modestissimas. A opinião publica manifestou-se unanime a favor dos reclamantes. Todos os jornais proclamaram a justiça da cauza. Reconheceram-na o proprio governo e até a propria diretoria da Leopoldina. Esta, em circular publicada, disse: «A Companhia reconhece haver, ainda, alguma couza a fazer...» E o que fez a diretoria? Acrescentou, em seguida: «... mas a sua situação financeira não o permite.» Pobres, pauperrimos acionistas! Ha dezenas de años que esses infelizes inglczes drenam do Brazil para a Inglaterra centenas de mil contos de réls, aqui cavados duramente pelos trabalhadores brasileiros... e querem estes agora, precisamente nesta hora de universal abertura financeira, arrancar uma par-





cela aos seus magros dividendos? Hão de eles, desgraçados e míseros acionistas, morrer a fome? Seria uma dehumanidade clamorosa... Que morram de fome os trabalhadores aqui, é muito natural. Eles têm vivido de fome, até hoje, e já é tempo de se terem acostumado a isso... Pois que continuem!

Não tem outra significação a resposta da diretoria da Companhia às reivindicações da Liga Operária de Além Paraíba.

União dos Empregados da Leopoldina

Acudindo ao grito de guerra da Liga Operária de Além Paraíba, reuniu-se o pessoal da Leopoldina que aqui trabalha — no escritório central, nas estações suburbanas e no tráfego — e fundou U. E. L. As assembleias preparatorias, como a de instalação e as subsequentes, realizadas em Olaria, foram sempre concorridíssimas, calorosas e entusiásticas, atestando o auspicioso despertar da classe. E a U. E. L., pela sua situação de vizinhança junto à sede da diretoria da Estrada, tornou-se naturalmente o centro da ação grévista.

Em assembleia geral no dia 14, homologou a U. E. L., unanimemente, a declaração de greve feita pela L. O. para o dia seguinte, quando terminava o prazo dado à Companhia para esta atender às reclamações apresentadas. E como a Companhia a nada atendeu, mantendo-se numa atitude de prepotente indiferença, a greve estalou à hora marcada...

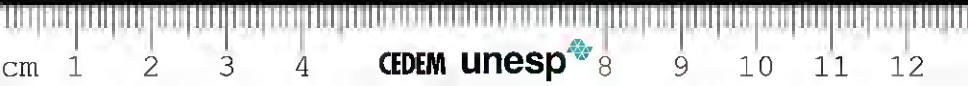
A greve

Foi das mais importantes que já se fizeram no Brasil, pela sua extensão, pela sua repercussão, pelas suas consequências... A rede ferroviária da Leopoldina abran-



je trez estados, além do Distrito Federal, servindo uma enorme zona agricola e comercial. Si é certo que a paralização dos seus serviços não foi total, absoluta — e seria ezijir demaziado, para a primeira vez — esteve bem perto disso, perturbando-os profundamente. E si não fôra a ajuda dos senhores governantes, eternos lacaios do capitalista, pondo á inteira disposição deste não só a força publica como toda a especie de crumiros officiais, teria sido provavelmente completa a paralização. Como quer que fosse, o movimento se manteve tanto quanto possivel á altura das circunstancias, moral e materialmente. Depois da grêve, a Companhia deu um balanço nos prejuizos sofridos: 11 mil contos... Quazi mil contos por dia. Donde se prova insofismavelmente que a alegação de má situação financeira era falsa. Si a Companhia podia arrostar com tamanho prejuizo (e a grêve por força lhe havia de cauzar grande prejuizo), porque, talvez com um gasto bem menor, não satisfez as reclamações dos seus empregados? Falsissima alegação. O que realmente não convinha aos interesses da sua velha prepotencia era o despertar dos escravos...

Com o incondicional e vergonhoso apoio das autoridades da Republica, lançou mão a diretoria da Estrada de todos os mais infames processos de combate aos grévistas: a mentira, a calunia, a insidia, o suborno, a ameaça, a violencia, a brutalidade, tudo... Mas a tudo rezistiram galhardamente os trabalhadores. Eles tinham ao seu lado a simpatia unanime da opinião publica e a comovida solidariedade dos camaradas das outras classes. As populações dos suburbios servidos pela Leopoldina promoveram bandos precatórios em favor dos paredistas. As mais importantes classes organizadas desta cidade e do interior manifestaram o seu inteiro apoio.



A Federação dos Condutores de Veículos e a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, que se compõem da maior parte das nossas sociedades obreiras, aprovaram em sessões do seu directorio e da sua comissão executiva, ao dia seguinte da greve, a 16, as seguintes respectivas moções:

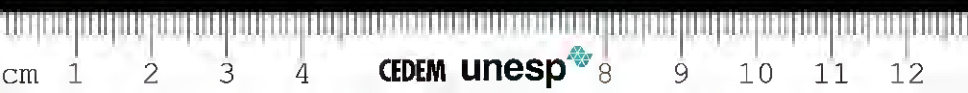
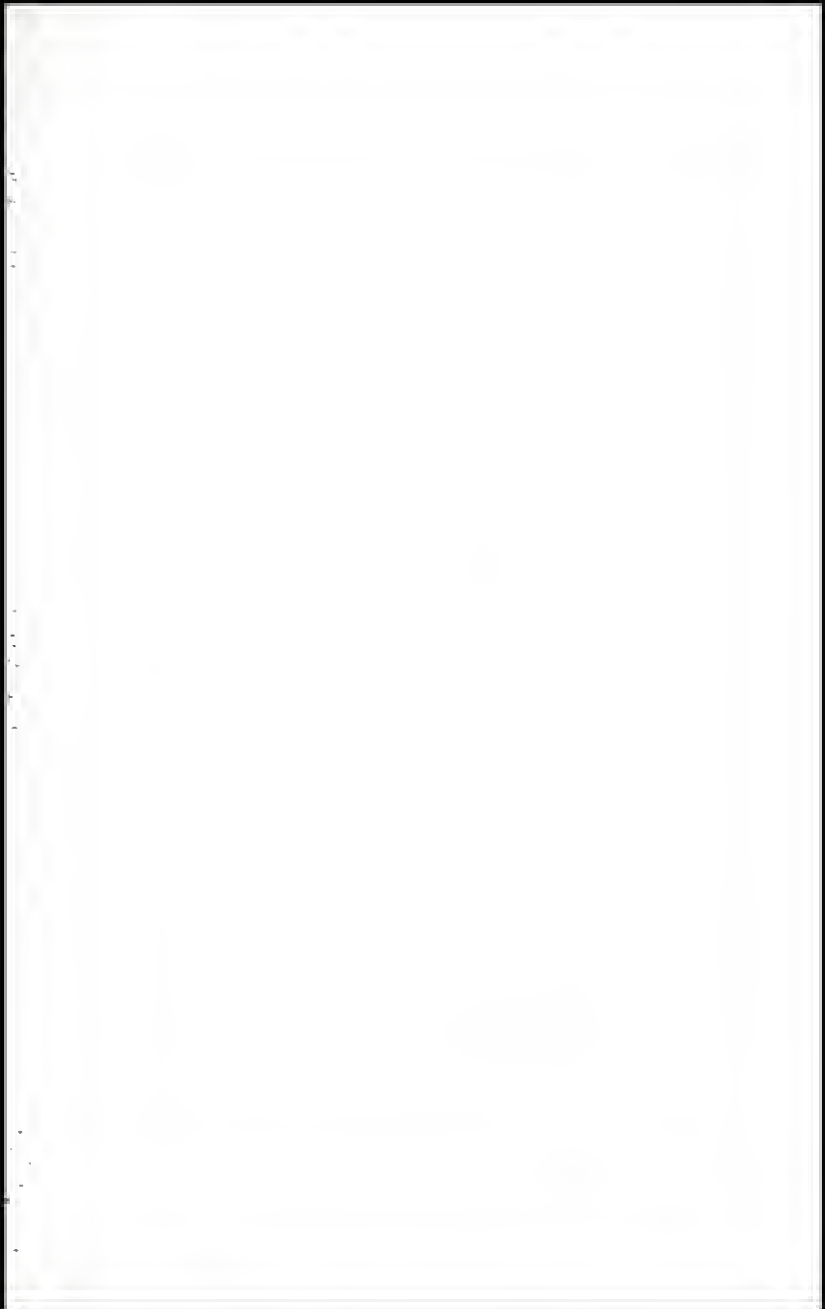
Da F. C. V.:

«Fazemos votos pela vitoria das reclamações dos camaradas em greve contra a prepotente L. R. e confiamos que a sua solidariedade não consentirá que o polvo inglez continui na ignobil exploração dos trabalhadores que o enriquecem.—*O Directorio.*»

Da F. T. R. J.:

«Em reunião de hoje esta Federação, reconhecendo justissimo o movimento reivindicador em que se lançaram os camaradas da Leopoldina Railway, para a conquista do direito à vida que lhes é negado pela administração da citada empresa, concita aqueles camaradas a prosseguir na luta tão resolutamente iniciada, hipotecando-lhes a sua inteira solidariedade, e, ao mesmo tempo, protestando contra o modo porque se tem pronunciado a policia do governo, dando mão forte ao capitalismo.—*A Comissão Federal.*»

E que essa declaração de solidariedade não era vã e platónica, provaram-no os fatos posteriores. Com efeito, o movimento da Leopoldina, de méra greve duma corporação, se transformava dia a dia numa questão de honra para todo o proletariado. A directoria da Estrada, cega na sua intransijencia tiranica, surda aos clamores jeraes em nome da justiça, não arredava pé, não cedia, e redobrava o seu furor no combate aos grévistas. Disponha a seu bel prazer do apoio governamental, e isso lhe bastava. Soldados da policia e do ezercito, maquinistas navais, bombeiros e beleguins, amarelos officiais e officiozos... tudo isso e mais alguma couza foi posto



às suas ordens. O Ministro da Viação foi feito seu moço de recados...

Agravando-se a situação e premeditando a Companhia passar uma rasteira nos parcedistas, incumbiu-se o Ministro da Viação do triste papel. Mandou convidar uma comissão da U. E. L. e da L. O. para uma conferencia conciliatoria, no dia 20. A comissão lá foi. O Ministro sondou-a, transmitindo-lhe o recado: que a Companhia alegava não se achar em situação financeira satisfatoria...; que o governo, em todo o caso, procuraria chegar a um acôrdo...; que os operarios voltassem ao trabalho... Nada feito. E nova conferencia ficou combinada.

As duas Federações, diante do rumo que o caso seguia, rezolveram assumir uma attitude decidida em defeza dos grévistas. Em reunião conjunta do directorio e da comissão federal, realizada nesse mesmo dia 20 á noite, foi a questão atentamente examinada, sendo aprovada por unanimidade a seguinte moção conjunta:

«AOS COMPANHEIROS DA L. R. E AO PUBLICO.

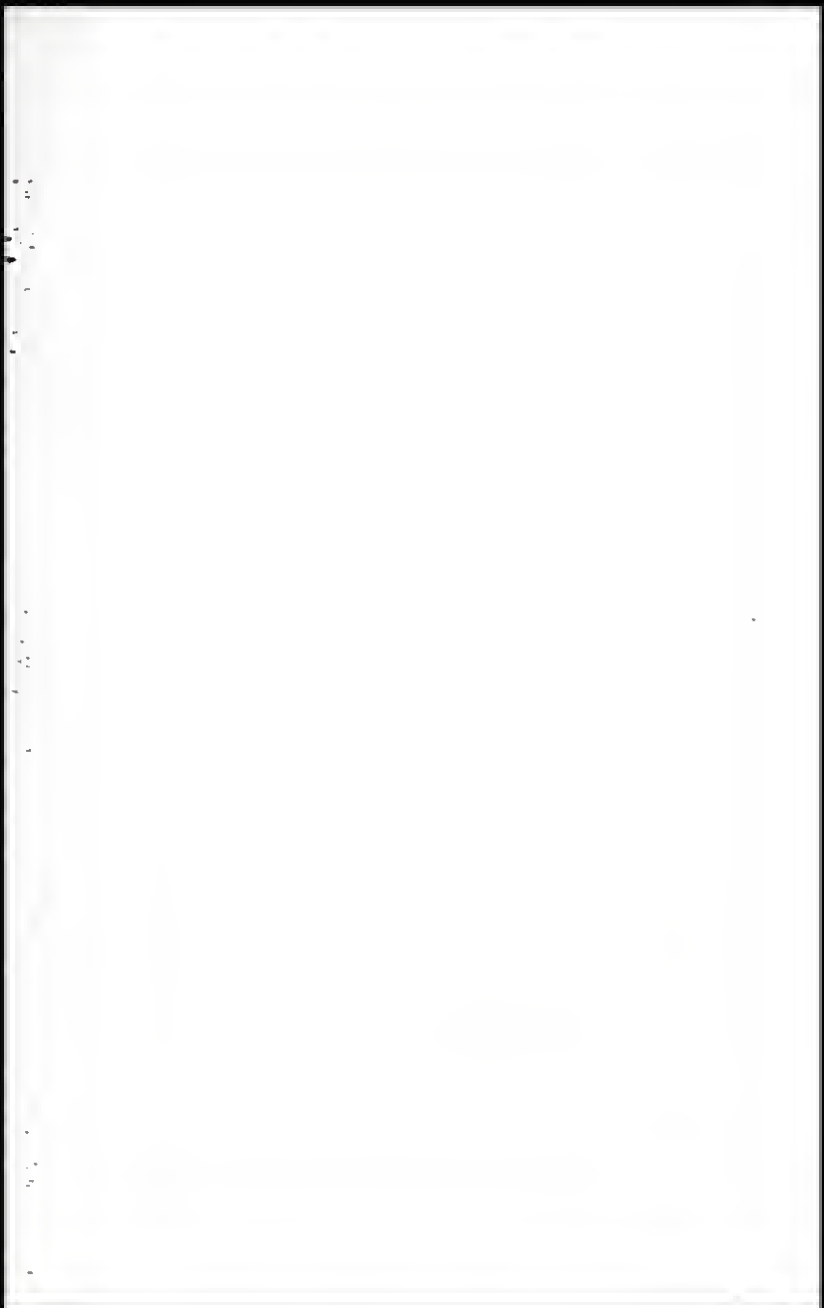
—A Federação dos Condutores de Veiculos e a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, consoante á sua acção passada e coerentes com as normas que defendem, reuniram-se extraordinariamente em sessão conjunta, e:

considerando que a gréve actual dos empregados da Leopoldina Railway é uma pujante manifestação de vitalidade operaria;

considerando que o movimento grévista estriba-se e fundamenta-se em reivindicações justissimas e inadiaveis, absolutamente necessarias á conquista do minimo para viver;

considerando que tão justas e inadiaveis são estas reivindicações, que todo o povo aussiliou a consecução da vitoria, principalmente o do interior, revoltado contra a infame exploração dos «indezejaveis» capitalistas inglezes;

considerando que a posse destas reivindicações só



criminosamente pôde ser obstada pelo patronato e pelo governo;

considerando que estas forças adversas se opuzeram em balde á vitoria e agora querem comprometel-a e aniquilal-a, desvirtuando as bazes de um acôrdo,— o que claramente indica segundos intuitos;

considerando que é parcial e perigoza a atitude dubia do sr. Ministro da Viação contemporizando qual-quer solução definitiva, protelando-a para enfraquecer o movimento;

considerando, por fim, que as reivindicações dos ferroviarios pertencem ao numero daquelas incluzas no programa que estas Federações defendem;

As Federações rezolvem:

enviar aos camaradas em grêve uma entuziastica saudação de solidariedade, felicitando-os pela maneira honroza porque têm conduzido, até aqui, o movimento e pelas reivindicações praticas que ezigem;

e mais:

solicitar aos companheiros ferroviarios a que se precavenham contra a decantada boa fé governamental e patronal, baze de um acôrdo mistificador que, talvez, futuramente, seja uma traição á vitoria;

e ainda:

pedir aos camaradas grévistas que assegurem insofismavelmente no acôrdo proposto o iniludível direito, que tem todo o grévista, de não ser demittido por ter defendido os interesses proprios;

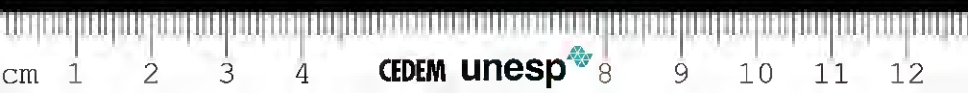
e, finalmente:

afirmar francamente em publico que, si depois de concordos as partes, algum ferroviario fôr despedido por motivo de associação ou de grêve, estas Federações arrogarão a si a violencia cometida, intervirão diretamente na questão e declararão, si a tanto forem obrigadas, **uma grêve jeral de todas as classes fedradas.**

Pela Federaçào dos Trabalhadores, — *A Comissão Federal.*

Pela Federaçào dos Condutores de Veículos, — *O Directorio.*

Ao dia seguinte, 21, repetiu-se a farça no Ministerio da Viação. O Sr. Pires do Rio esplicou á comissào que a directoria da Leopoldina, animada da maior boa vontade,



estudara as propostas para um acôrdo; que, melhora-
das as condiçõs financeiras da Companhia, seriam as
reclamações do pessoal atendidas dentro do possível.
A comissão, fazendo ver que tudo isso eram promessas,
que podiam ser cumpridas ou não, disse queria, antes
de tudo e desde logo, que a Companhia se comprometes-
se com o governo a não despedir nem perseguir um só
dos grévistas. O Ministro atalhou que era impossivel
um tal compromisso; que a Companhia se reservava o,
direito de demitir os empregados que se incompatibili-
zaram com a administração da Estrada. A comissão foi
positiva: que estava autorizada pela classe a recusar
quaisquer propostas de acôrdo, por mais favoraveis
desde que não fosse aquela clauzula respeitada. Sujeriu
então o Ministro: que seriam demitidos os empregados
que uma comissão do governo, em inquerito, verificasse
terem cometido violencias... Igualmente inaceitavel. Em
todo o caso, a comissão declarou levaria ao conheci-
mento da classe, reunida em assembléas, as propostas
do governo. Nova conferencia ficou marcada para o dia
seguinte, 22.

Enquanto isso, as duas Federações, outra vez reu-
nidas em sessão conjunta (noute de 21), reafirmaram o seu
propozito, enviando aos jornais a nota seguinte, a ser
publicada a 22:

«As Federações dos Trabalhadores e Condutores de
Veículos, novamente reunidas, em conjunto, resolveram
hontem:

Si na conferencia de hoje com o Ministro, as comis-
sões de ferroviarios não tiverem solucionado a sua justa
cauza, para voltarem a normalizar a viação da Leopoldi-
na com a certeza de que serão readmitidos «in totum»
os grévistas e que nenhum deles será perseguido ou
demitido em virtude da prezente grêve, estas Federações
não mais aceitarão prolelações governamentais, ás quais
responderão com a decrciação da grêve jeral».



Não houve tempo, porém, de chegar a resposta da assembléa da L. O. de Além Paraíba. Assim, ficou adiada para o dia imediato, 23, a nova conferencia com o Ministro. Nesse mesmo dia 23, fizeram as duas Federações publicar esta nota :

«AOS TRABALHADORES E AO POVO.—As Federações dos Trabalhadores e Condutores de Veículos reunidas, hontem, ouviram os camaradas ferroviarios que, alegando não terem podido comparecer á presença do Ministro da Viação, hontem, o que farão hoje, ao meio dia, por não lhes haver chegado a resposta dos seus companheiros de Além Paraíba, solicitaram a estas Federações um novo prazo, até hoje, para a resposta definitiva do governo, a quem afirmarão, de uma vez por todas, não aceitarem os ferroviarios o acôrdo proposto pelo Ministro da Viação.

Na reunião de hoje, pois, os camaradas grévistas cientificarão o Ministro de que os ferroviarios da Leopoldina manterão intactas todas as ezijencias apresentadas, não admitindo, absolutamente, que qualquer camarada seja dispensado em consequencia da greve.

Os camaradas da Leopoldina ezigirão desta empreza uma resposta categorica, positiva e imediata.

Do resultado da conferencia de hoje, pois, depende a decretação da greve jeral.»

A ultima conferencia

Os ferroviarios, depois das assembléas em Olaria e S. Jozé de Além Paraíba, delegaram poderes aq Sr. Mauricio de Lacerda, que desde o começo do movimento se vinha batendo pela imprensa em favor dos grévistas, para se entender com o Ministro da Viação. Eis como a *Voz do Povo* conta o que se passou nessa ultima conferencia :

«Com precizão de linguagem o deputado Mauricio de Lacerda espoz os detalhes da missão de que fôra investido e relatou a decizão irrevogavel dos grévistas de não permitir que qualquer dos seus camaradas so-



fresse a pena de demissão, por motivo da grêve atual, visto que tal ato atrabiliário e dezhumano feria o mais legítimo direito de grêve.

Além disso, zcrecentou o intermediario dos grévistas que nenhum dos operarios em grêve deixára de se manter dentro da lei, razão porque qualquer punição importava em uma afronta á classe, afronta essa que revclava um capricho desmedido dos diretores da Leopoldina.

—Não resta duvida que os grévistas não praticaram depredações—disse o Sr. Pires do Rio—e é ezatamente por isso que a Companhia quer despedir, apenas, os cabeças da grêve, tantos quantos forem eles.

E S. Ec. calculou o numero, pois estava de sobejo informado pelo advogado da Companhia.

—Mas—retorquiu o deputado Mauricio de Lacerda —o senhor declarou aos operarios que a Leopoldina puniria os grévistas que honvessem praticado excessos e não parece que seja um excesso arcar com a propaganda de uma grêve. E' um castigo injusto!

—Mas o governo tambem não pode agir influenciado pelo «ultimatum» dos trabalhadores—adiantou o Ministro. Eu proporia que os operarios concordassem em entregar ao governo o cazo e este indicaria os grévistas que merecessem a pena de demissão.

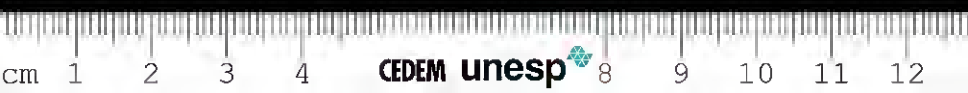
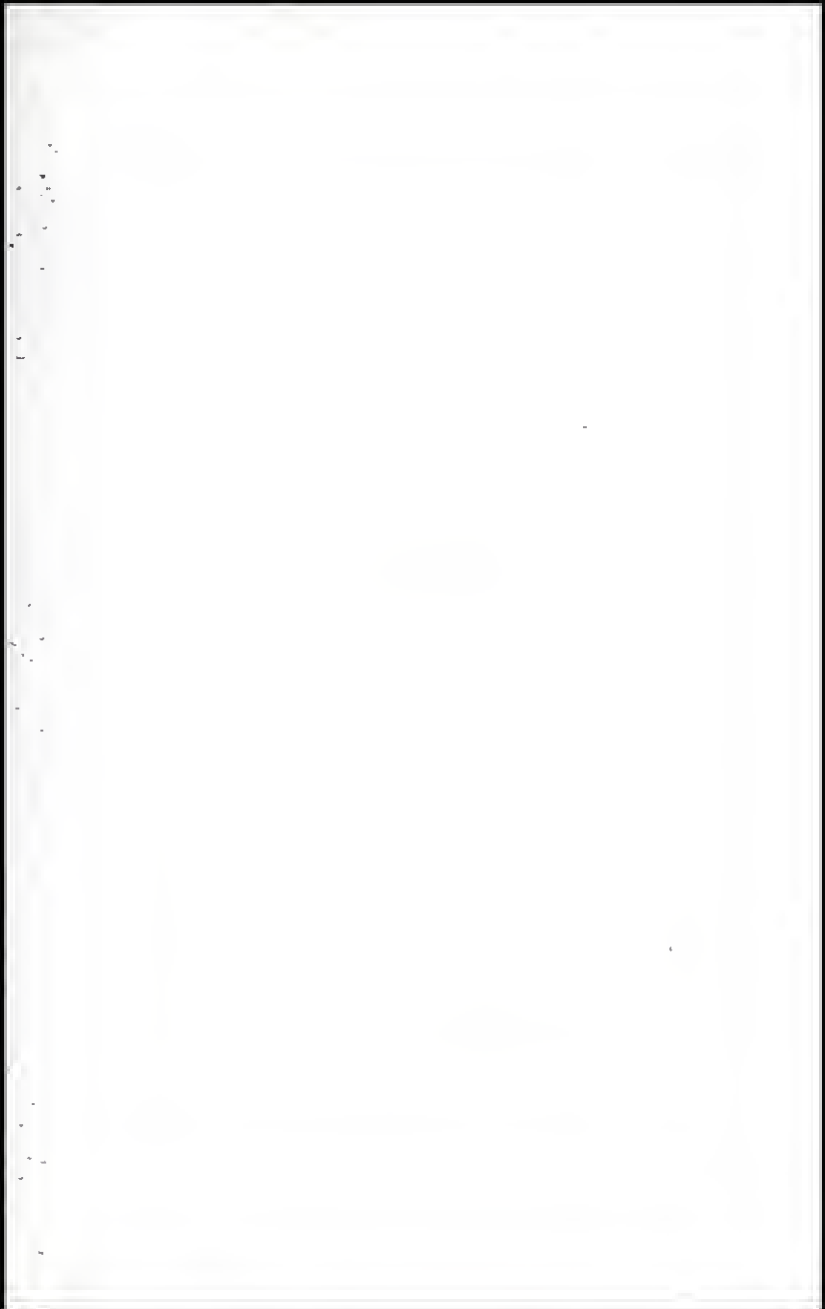
—A proposta é absurda; tal acôrdo importaria em recommear tudo de vez. O senhor não devia fazer tal proposta, nem deve dizer que a fez. Si o governo se queixa do «ultimatum» que ora apareceu, deve concordar que ele é consequencia do seu descazo por uma cauza justa, reconhecida por todos e si não negociou um acôrdo com os operarios da Leopoldina, foi porque não quiz. Preferiu colocar-se ao lado dos fortes.

—Mas então o que se fará?

—Diga o senhor aos da Leopoldina que o governo não pode aceitar uma luta operaria e manda retirar os foguistas e maquinistas da armada que mandou para movimentar a Estrada. Depois disso faça a Leopoldina cumprir o contrato, multando-a enquanto não restabelecer o trafego. Verá como ela achará justas, imediatamente, as pretenções de seus operarios...

—Para isso seria necessario um prazo e creio mesmo que tal alvitre é de todo irrealizavel—afirmou o Sr. Pires do Rio.

—Pois bem: lamento que não se possa chegar a um acôrdo; deploro, como brasileiro, que o governo pre-



pare soldados na defeza de um monopólio inglês, onde ha duas diretorias inglesas e uma brasileira, que nada vale ou nada manda, para enfrentar os nossos patricios vilmente esplorados. Contudo—adiantou o deputado Mauricio de Lacerda—creio bem que o governo, refletindo, terá ocasião de reconhecer de que lado está a justiça e, nessa ocasião, embora tarde, creia o senhor que, como brasileiro, estarei pronto a, na medida de minhas forças, cooperar para a solução desse lamentavel conflito.

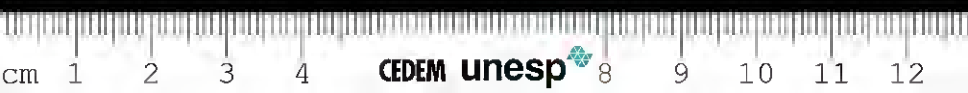
Nesse momento entrava no gabiúete o Ministro da Justiça. Estava terminada a conferencia e rôtô o acôrdo.

A atitude do governo

Desde o primeiro momento de corpo e alma ao lado do capitalista contra o operario, o governo, quando se arvorou em intermediario de ultima hora, nada mais pretendia que contemporizar, conluído com a Leopoldina, para melhor lograr e esmagar os grévistas. De nada valia a justiça da cauza. De nada valiam as simpatias jerais da população a favor dos operarios. Restava a ameaça da grêve jeral das duas Federaçõis... Mas o governo não a temia—e talvez a dezesasse mesmo dezencadeada, para demonstrar ao proletariado todo o pezo do seu despotismo, toda a força da sua brutalidade. Era preciso dar uma lição á canalha vermelha!

A grêve jeral

Fracassada a tentativa de acôrdo, por culpa unica do governo, que ajiu de fato conchavado côm a Leopoldina, apoiando-a incondicionalmente nos seus manejos hipocritas e na sua irreduzível teimozia,—não recuaram as duas Federaçõis: reunidas em conjunto, horas depois de verificada a ruptura das negociaçõis, ficou deliberada para o dia seguinte a declaração de grêve de todas as classes componentes de ambas. Eis o manifesto de de-



claração, dado á publicidade a 24, pelos jornais da manhã:

•AO POVO—A *Federação dos Condutores de Veículos* e a *Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro* lançam-se hoje em grêve, em solidariedade aos trabalhadores ferroviários da Leopoldina Railway.

Estão na memoria de toda a população da cidade os motivos justissimos sobre que se bazearam os terroviários para declararem a grêve. Ganham eles uma miséria, não têm garantias de nenhuma especie, são estrangeiros dentro da poderosa companhia ingleza, que os despreza, os infelicita, os odeia.

O operariado do mundo inteiro levanta-se, em todo o mundo, buscando melhorias e regalias. Força imensa que se ergue, indomita, tem ela superado todos os obstaculos e vencido todos os entraves. No momento, o mundo novo do futuro promissor repouza nos hombros vigorozos do trabalhador das cidades e dos campos.

Só no Brazil o proletariado não tem praticamente o direito de grêve. É uma vergonha, mas é uma verdade, que não deve subsistir, para honra do proletariado e do paiz inteiro.

Teoricamente, as leis vijentes asseguram este direito. Mas sempre o governo ajiu no sentido de perturbar o operariado do ezercicio deste direito iniludível e insotismavel.

Ainda agora, o governo ajiu do mesmo modo, no cazo da Leopoldina. O Ministro da Viação, Sr. Pires do Rio, levou uma semana a embair os grévistas, a protelar a solução do movimento, a dar mão torte aos inglezes e a dizer que a Leopoldina tem o direito de punir grévistas, demitindo-os sumariamente.

Contra isto, contra este dislate, contra este descalaibro, contra esta infamia, contra este servilismo, contra esta odiosidade, levantam-se as Federações.

Não pretendem as Federações outra couza sinão garantir os grévistas e assegurar-lhes a vida.

Para este *desideratum* empenhamos toda a nossa enerjia e decizão. Lutaremos até o fim, para conquistal-o.

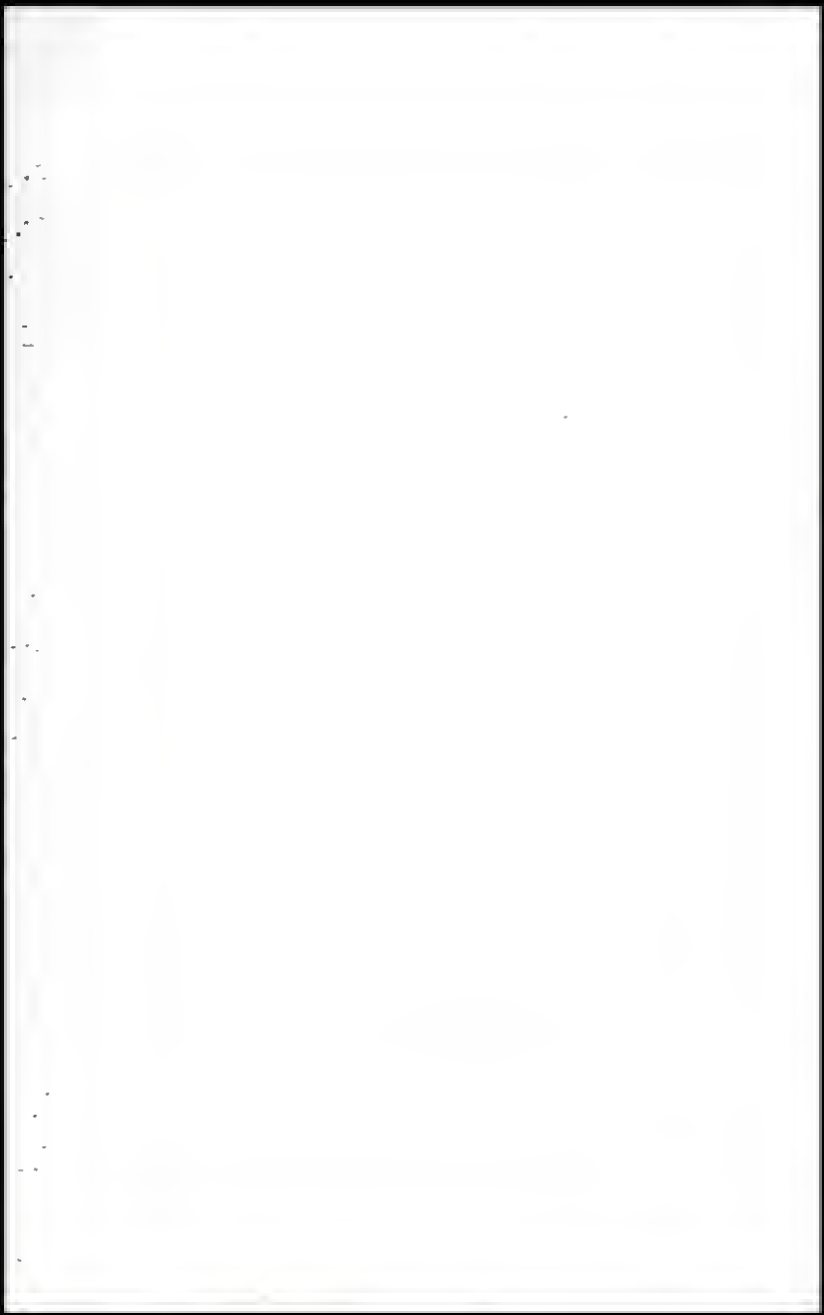
E conosco, todo o povo: companheiros federados:

FIRMEZA!

Trabalhadores não federados: **SOLIDARIEDADE!**

Povo em jeral: **AMPARO!**

Firmeza, solidariedade, amprao!



Só assim se vencerá o polvo inglês e seus aliados, que nos asficsiam e degradam.

Tudo pela grêve! Viva a solidariedade obreira! Viva a vitória da plebe!

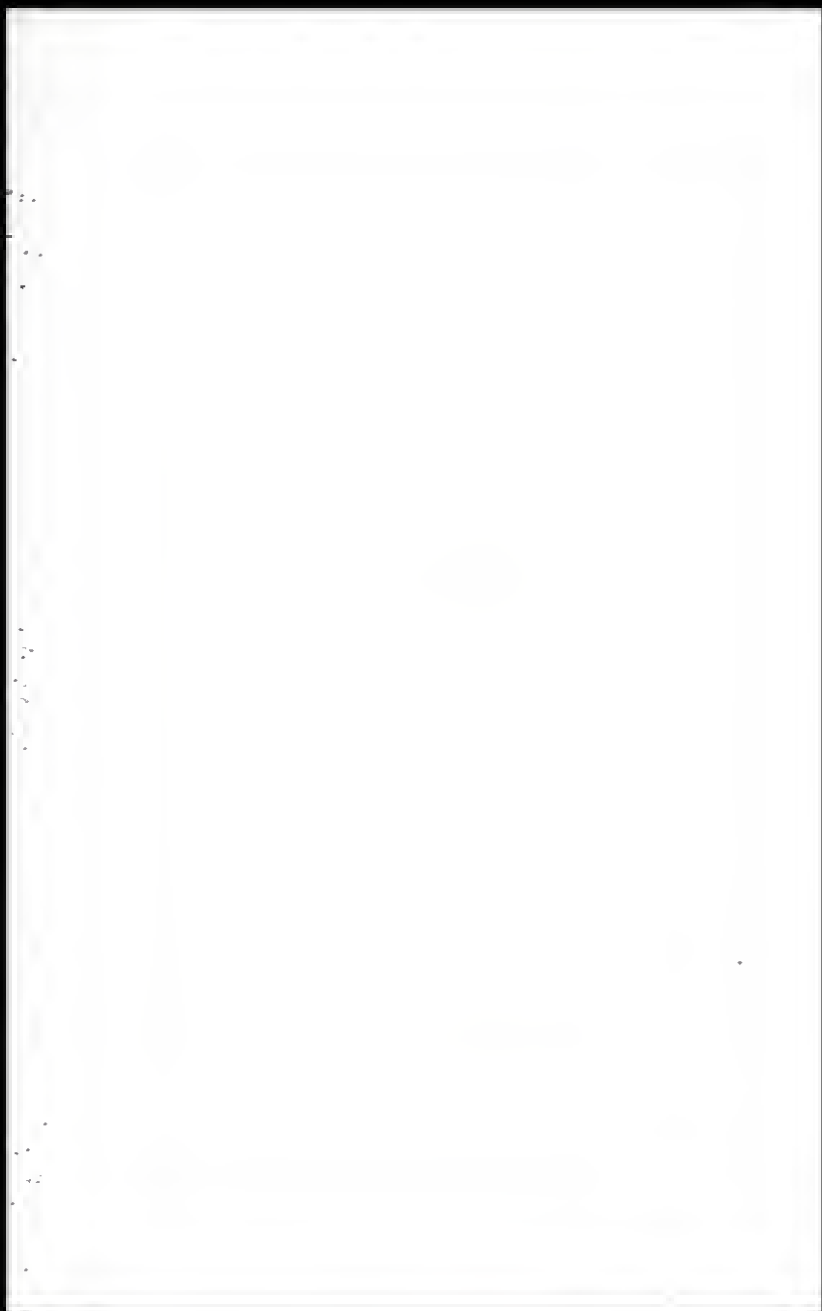
Paz entre nós, guerra aos senhores!...

Pela *Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro—A Comissão Federal*!

Pela *Federação dos Condutores de Veículos—O Diretorio*».

A grêve de solidariedade durou quatro dias. Não foi, a rigor, uma grêve jeral, mas foi, contudo, a maior grêve que já se fez no Rio de Janeiro. E foi positivamente um movimento a muitos aspétos admiravel. Traíram-na os lacaios, num golpe tramado nos corredores escuzos da Presidência; esmagou-a o governo, num golpe ditatorial preparado nas cavalariças fraternais da policia. Mas, traída e esmagada a grêve, de pé ficou, no entanto, altivo e nobre, o nobre e altivo jesto de solidariedade. Este ficará rejistrado, com orgulho e honra, na historia do proletariado brasileiro, contrastando diagonalmente com a brutalidade dos tirantes e a vilania dos tartufos.

Lançando mão da insidia, arma cobarde indispensavel aos manejos hipocritas do despotismo, o governo abriu o caminho da violencia com uma «nota» perfida e venenosa, em que denunciava ao publico o *plano oculto por traz da grêve geral*: subversão da ordem, complot bolchevista, exploração anarquica... Com a «nota» palaciana, a ameaça dos «meios ordinarios e estraordinarios». E estes foram desde logo postos em ação, com uma furia dezabalada. O arbitrio do beleguim, o sabre da soldadesca, a pata da cavalhada—reínaram soberanos sobre a cidade, durante quatro dias, cégos a todas as leis e conveniencias, num estado de sitio de fato. As prizões eram feitas aos magotes, em massa, de grévistas e não grévistas: cerca de 2.000 encarcerados, na Central, nas Delegacias, na Detenção, na Correção, nos,

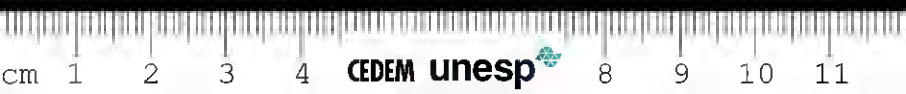


Quarteis... As sedes das associações operárias foram assaltadas *manu militari*, e pilhadas, saqueadas, roubadas...

A par da incrível pressão dos «meios ordinários e extraordinários» sobre os trabalhadores inermes e desprevinidos—a felonía do conchavo traiçoeiro a tramarse na sombra... Uns «coroneis», euzebios, petronilhos e medeiros, dominando a inconsciência e a injenuidade de algumas classes marítimas, foram os instrumentos de que se serviram Leopoldina e Governo para a pratica da miseravel traição.

Oficialmente, os fatos foram relatados do seguinte modo: uma comissão de representantes de associações marítimas conferenciou com a diretoria da Leopoldina e com o presidente da Republica, resultando dessas conferencias—o compromisso, por parte da Leopoldina, de readmitir todos os empregados em greve e de atender ás suas reclamações apoz ezame do governo á situação financeira da Companhia;—a promessa, por parte do governo, de soltura de todos os presos e de reabertura de todas as sedes. Os empregados da Leopoldina, dando crédito á palavra patronal e governoamental, aceitaram a proposta de terminação da greve. As duas Federações, dezobrigadas, assim, da sua solidariedade, deram por terminado o movimento. Colhidas, porém, de surpresa, pela violencia e pela velhacaria, lavraram a tempo o seu protesto e a sua desconfiança na seriedade do acôrdo. Eis a sua declaração de terminação da greve:

«AOS TRABALHADORES EM JERAL—Sob protesto, e em virtude do governo ter-se comprometido aceder ás reclamações dos trabalhadores, declarando pela palavra do Dr. Epitacio Pessoa, Presidente da Republica, que todos os grévistas da Leopoldina Railway serão readmitidos, que as associações operárias serão reabertas e que todos os grévistas presos serão postos em liberdade, convidamos aos operários, federados ou não, que nos acompanharam neste magnífico movimento de solidariedade obreira, A VOLTAREM AO TRABALHO.



cm

1

2

3

4

CEDEM unesp

8

9

10

11

Esta nossa accitação da cessação da gréve, fazemos sob o mais veemente protesto, pois que nos sentimos esmagados pela ação governamental, a qual tirou-nos todos os meios de livre reunião, fechando as nossas associações e prendendo dous mil e tantos companheiros.

Ao publico, que sempre esteve conosco, ás classes que nos patentearam a sua simpatia, assim como tambem á imprensa independente que formou conosco, apresentamos o nosso reconhecimento.

Rio de Janeiro, 27 de março de 1920.

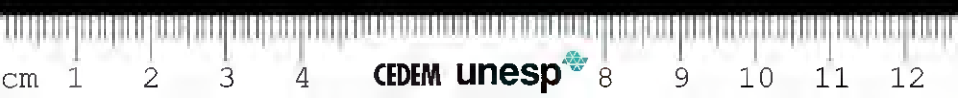
*Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro
Federação dos Condutores de Veiculos».*

Foi uma verdadeira paz de Brest-Litovski. Os acontecimentos posteriores provaram fartamente o valor da palavra governamental e patronal. Desmascarou-se o conchavo indecente... Dezenas de presos continuaram presos. Trez deles foram expulsos do territorio nacional. E a Leopoldina só readmitiu quem bem entendeu ou quem se submeteu passivamente, deixando na rua varias dezenas deles, dos mais dignos e ativos...

Dura lição! Saberão aproveitá-la?

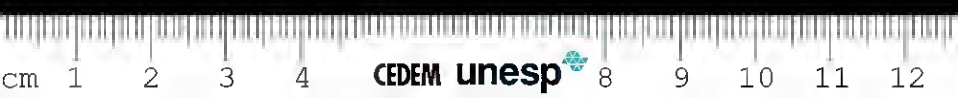
Pela millionessima vez ...

Muito de notar foi a attitude de ultima hora de varios jornals, a propozito da gréve. Eles apoiaram os grévistas da Leopoldina, proclamando em todos os tons a justiça da cauza obreira. Incentivaram, estimularam, ataçaram a gréve de solidariedade das outras classes. A gréve declarou-se, estendeu-se, empolgou a vida da cidade. Com a gréve jeneralizada, os conflitos e arruaças inevitavcis. De resto, conflitos e arruaças de importancia secundaria—e pode dizer-se que provocados principalmente pela brutalidade policial... Mas o governo deitou «nota» solene e ameaçadora, e sobretudo falsa, como falso é o falsissimo nacionalismo do imperador e rei Epltaçio. A par das notas falsas da prezidencia, as no-



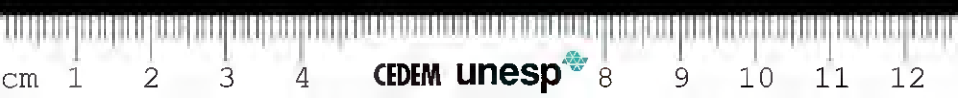
tas autenticas estraídas das burras da Leopoldina, ou da verba secreta da policia. Agua na fervura. Logo as tais gazetas mudaram de tom e som. A grève jeral já se não justificava mais. E não era, como se pensava, uma grève de solidariedade aos empregados da Leopoldina, mas como jurava a nota prezidencial, um movimento oculto e préviamente preparado de subversão da ordem publica. Com isto, já se sabe, a velha e revelha cantiga se repetiu pela millionessima vez... Fermentos anarquicos Manobras do bolchevismo sinistro! Exploração de estrangeiros de má catadura! e por aí... Ora, não ha sinão, pela decima millionessima vez, triturar a mentira e desfivelar a mascara aos farçantes.

Primeiro. Os anarquistas não são tão cretinos como os redatores da «nota» oficial ou os seus glosadores da imprensa. Porque só cretinos poderiam pensar em revolução com revolucionarios inermes para combater soldados armados até aos dentes. A policia colheu, em pontos varios da cidade, alguns petardos. Colheu, porque os semcou. Estranhos e pacatos petardos, com efeito, são esses, que terriveis anarquistas arremessam e que sistematicamente negam fogol Estraordinarios petardos e não menos estraordinarios anarquistas! Está-se vendo logo ás legoas, que todas essas bombas arrazadoras foram distribuidas, semeadas e arremessadas pelas proprias mãos secretas da policia... Antiquado processo, desnioralizado processo, que não impressiona mais ninguem, e que o bom senso mais vulgar repele por grosseiro e evidentissimo. E onde e como encontrou e prendeu a policia os tremendos revolucionarios? Em grupos esparros, pelas ruas, gritando—*viva a grève! abaixo os exploradores do povo!*—e apenas com protestos verbais respondendo ao chanfalho da lei. O seu ato mais violento consistiu neste fragoroso atentado: um mizeto e inocente reboque.



virado de rodas para o ar... E' certo e é natural que um ou outro manifestante carregasse um revólver, uma faca ou um cacête, e lhes desse uzo adequado, em defesa da pele. Mas foram cazos raríssimos, ececionalíssimos. E nas associações? Os grévistas convocavam publicamente as suas sessões, determinando hora e local. A policia, inopinadamente, as saltava as associações e prendia as assembléas em pezo, sem encontrar a menor rezistencia —porque, dezarmados, em sessões publicas, os operarios jamais pensaram noutra couza que em demonstrações pacificas e verbais. Como, pois, descobrir em tudo isso laivos ou provas de revoluçáo? Só um éspesso cretino ou um refinado canalha diria semelhante sandice... Disse-o o governo e repetiram-no os jornalistas. Sua alma, sua palma.

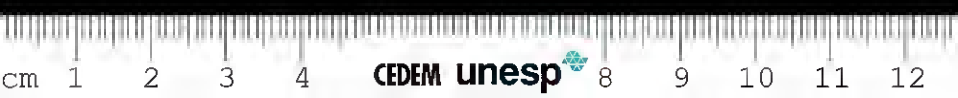
Segundo. Os agitadores estrangeiros... Este foi agora, como tem sido sempre, o grande cavalo de batalha, a insidia por ccelencia vizando atrair a antipatia publica sobre os grévistas. Mas insidia calvissima, que não reziste a dous dedos de analize serena. Com efeito, ha aquí anarquistas estrangeiros—pelos mesmos motivos porque ha capitalistas estrangeiros, piratas estrangeiros, padres estrangeiros, jornalistas estrangeiros, escritores e artistas estrangeiros, prostitutas e caftens estrangeiros... Seria verdadicamente extraordinario que os não houvesse. A nossa população obreira é composta, na maioria, de estrangeiros. Como os revoltados contra o rejimein atual, e entre eles os anarquistas, que são revoltados concientes e idealistas, se manifestam principalmente e logicamente no seio da massa trabalhadora, naturalíssimo vem a ser que varios anarquistas militantes entre nós não sejam brasileiros. Mas o que é absolutamente falso é que os anarquistas estrangeiros aqui rezidentes tenham sido espulsoz de outros paizes. De resto, nada haveria nisso de



deprimente. A verdade positiva, porém, está no contrario: vieram para o Brazil como todos os emigrantes—fujindo á terra madraça com a mirajem nas delicias celestias deste nosso El-Dorado. A mirajem era um engano. Com pouca diferença—às vezes para peor do nosso lado—o Brazil burguez, o Brazil capitalista, o Brazil patronal é a mesma couza que todos os paizes de organização capitalistica. Aqui, o trabalhador é tão miseravelmente explorado, tão ferreamente oprimido como em qualquer parte do mundo—e às vezes mais. Pois é de trabalhadores explorados e oprimidos—brazileiros ou não—que de regra se fazem os revoltados e os anarquistas. Não ha nisso nenhum fenomeno sobrenatural. No entanto, bom é que se repita ainda uma vez: a maioria dos nossos militantes libertarios de responsabilidade no movimento proletariano é composta de brazileiros natos, mais brazileiros que os Lajes e os Botellos da imprensa e muito mais brazileiros que os governantes vendidos e traidores, socios, caixeiros e lacaios dos Chandler, dos Farquhar, das Leopoldina Railway, etc. Afirmou a nota prezidencial que a grêve foi provocada por sujestões de estrangeiros—«a maioria dos quais espelidos dos seus paizes pela sua má conduta». Eu dezaio a policia a citar o nome de um só que tenha sido «espelido do seu paiz pela sua má conduta». Não o fará, porque sabe que ha nessa afirmação uma mentira calculada. Aliaz, si fosse verdade, o fato provaria apenas a irremediavel inepecia da propria policia. Pois ha quanto tempo anda a policia a deportar os «maus elementos» e a não permitir o desembarque de outros? Confessar que eles ainda existem, ou que continuam a aportar ao Brazil, é o mesmo que de clarar a propria imprestabilidade total. E' o mesmo que dizer: nós somos uns asnos!

Brest-Litovski

A paz de Brest-Litovski foi uma paz humilhante para os russos. Mas os bolchevistas assinaram-na. A Russia esta-

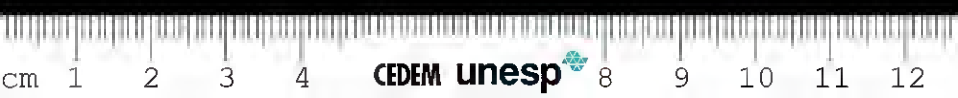


va dezarmada, com o seu exercito desfeito, rôto, desmantelado. O governo alemão jogára a espada e as botas do jeneral Hoffman sobre a meza da conferencia... Não havia resistencia possível. Os bolchevistas assinaram a paz humilhante. Mas, decorrido menos de um ano, o jermém bolchevista havia penetrado as fileiras de ferro dos exercitos jermanicos. Ludendorff clamou: «Meus exercitos estão podres!» Estalou a revolução na Alemanha, e todo o poderio, toda a arrogancia, toda a imensa força dos senhores do maior exercito do mundo baquearam, vencidos e esmagados. Mais dous anos decorreram, trajicos e sanguinolentos. Durantes eles, os bolchevistas russos, animados pela fé inquebrantavel do ideal, venceram todós os inimigos internos e esternos, e possuem hoje mais de dous milhõis de homens agueridos no seu exercito vermelho de trabalhadores. Os bolchevistas alemães crecem tambem de numero e força. A revolução alastra-se e infiltra-se por toda a terra, sacudindo as entranhas da velha sociedade capitalista. E todas as poderozas burguczias do mundo estremezem de pavor...

Como os bolchevistas em 1918, o proletariado do Rio de Janeiro capitulou diante duma força maior, sem possibilidade de resistencia. Ele assinou a sua paz de Brest-Litovski. Von Eplacio jogou sobre a meza das negociaçõis os chanfalhos dos seus esbirros e as patas dos seus cavalos. E' humilhante? Amigos, para a frente, a trabalhar! O tempo é nosso aliado...

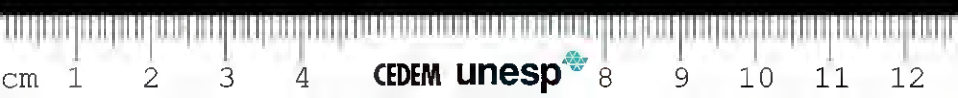
Luta da classe

A gréve da Leopoldina caracterizou-se principalmente como um epizodio inequivoco da luta de classe, como uma batalha local da grande e universal guerra de classe dos nossos dias. Iniciou-se como um movimento



mêramente corporatista. Desde logo, porém, devido á intranzijencia obtuza da Companhia, tomou aspétos mais amplos, assumindo a feição inconfundível duma grande batalha social.

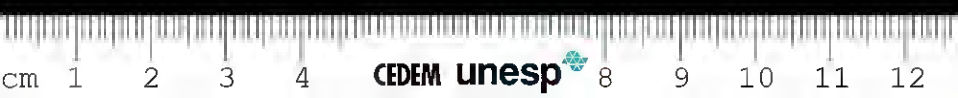
A maioria, sinão totalidade, dos grévistas compunha-se de trabalhadores brasileiros, ao passo que estrangeiros eram e são os patrões—diretoria suprema em Londres e diretores efetivos aqui. Esta circumstancia, de resto fortuita, foi que mais contribuiu para imprimir ao movimento um caráter flagrante de luta social entre duas classes—a dos explorados e a dos exploradores, proletariado e burguezia. O governo, fujindo ao seu dever de neutralidade,—dever todo formal, entenda-se,—colocou-se desde o primeiro momento ao lado dos exploradores. Os pretêstos invocados para justificar a attitude governamental—defeza da «ordem publica», garantia do «trabalho livre», etc., eram vizivelmente falsos e hipocritas. Nunca houve grêve tão pacifica e nunca se viram grévistas tão pacificos—segundo o proprio testemunho insuspcitissimo do governo e até mesmo da Companhia. Não havia tambem necessidade de garantir o «trabalho livre», porque nenhum, ou apenas um ou outro dos empregados da Leopoldina se apresentou «espontaneamente», «livremente», ao serviço. O que se verificou efetivamente foi a pressão do governo sobre alguns grévistas, obrigando-os ao trabalho com a ameaça das carabinas policiaes. Mais ainda: o governo forneceu á Companhia maquinistas navais, bombeiros, etc., que substituiram grévistas em varios serviços. Ora, isto é agir num sentido precisamente inverso áquele pretêstado de garantia ao «trabalho livre»... Em rezumo, o fato foi este: *trabalhadores brasileiros* fizeram grêve contra uma *empresa estrangeira* e o *governo brasileiro* colocou-se ao lado da *empresa estrangeira* contra os *trabalhadores brazi-*



leiros. E este fato é que imprimiu á gréve da Leopoldina a sua característica vizível de luta de classe—cujo conceito bazico rezide ezatamente na universalidade, na internacionalidade do fenomeno: o capital não tem patria, o trabalho não tem patria. Na hora da luta entre um e outro, botam-se abaixo as mascaras do patriotismo e do nacionalismo, e os possuidores e defensores do capital, nacionais e estrangeiros, coligam-se contra os trabalhadores, estrangeiros e nacionaes. Foi o que se deu agora.

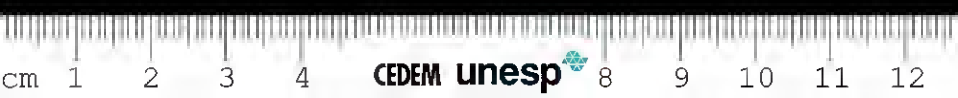
A gréve de solidariedade aos empregados da Leopoldina, promovida pelas Federações de Veículos e dos Trabalhadores, veio como que acentuar os traços típicos do movimento, pois que foi uma gréve inspirada unicamente por espirito de classe. As duas Federações, compostas de operarios indistintamente nacionais e não nacionais, apoiando os trabalhadores da Leopoldina, deram uma prova positiva de solidariedade de classe. Foi uma atitude em sentido contrario á atitude do governo, mas de significação intrinseca perfeitamente igual e igualmente lojica. O governo, composto de representantes do capital, lojicamente se colocou ao lado do capital; as duas Federações, compostas de representantes do trabalho, lojicamente se collocaram ao lado do trabalho.

O desenrolar consequente dos acontecimentos ainda mais nitida tornou essa feição de guerra definida entre o proletariado e a burguezia. Na primeira linha, o governo applicando todo o seu aparelho de compressão a serviço dos interesses da Companhia burgueza—saltando por cima de todas as leis e de todos os codigos. Naturalmente: acima de todos os codigos e de todas as leis, está o interesse de classe. Na segunda linha, todos os demais órgãos representativos da burguezia apoiando a ação governamental, fileiras cerradas em defeza dos



interesses da classe burguezia, representados na luta pela Leopoldina. A Associação Comercial, a Liga do Comercio, a Sociedade de Agricultura, a Liga da Defeza Nacional, etc.—associações eminentemente burguezas—aplaudiram, todas, com calor e convicção, a atitude violenta do governo. Não importa que o governo ajisse ilegalmente: bastava agir, fosse como fosse, em defeza dos interesses de classe da burguezia. Não menos instrutiva foi a atitude dos grandes jornais. Ao declarar-se a grêve do pessoal da Leopoldina, todos eles, sem exceção, bateram palmas á justiça das reivindicações, rasgando elogios á conduta pacífica e ordeira dos grévistas. Desde, porém, que as duas Federações saíram a campo, oferecendo o seu apoio material aos paredistas, logo os jornais mudaram de atitude, colocando-se incondicionalmente ao lado do capital e do governo capitalista. Além das propinas imediatas de regra, havia a considerar que estavam em jogo os interesses de classe, e os jornais burguezes não podiam manifestar-se contra os interesses burguezes. Que importava a justiça inicial das reivindicações obreiras? Um desses jornais (*A Noticia*, n.º de 26 de março) chegou mesmo a definir a situação em termos concretos e brutais, com uma precisão absoluta: «a questão (dizia) se resume numa expectativa ansiosa—ver quem tem mais força para esmagar a parte contraria.» Dous ou trez outros jornais não mudaram, ou mudaram pouco de atitude, permanecendo sempre simpaticos ao movimento. Ninguem se iluda: havia ali simples motivos secundarios de opposição. Tanto que só apoiavam a grêve nas suas manifestações pacificas e ordeiras: desde que perigasse a «ordem publica», formariam todos ao lado do governo. Acima de tudo os interesses de classe...

Ora, tudo isso vale por uma prova e mais, patente e insofismavel, da teoria historica da luta de classe: os

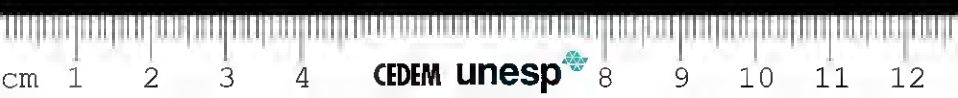


interesses da burguezia e os do proletariado são interesses opostos, irredutíveis e inconciliáveis. Na hora atual do mundo, eles se chocam em luta aberta, e um dos contendores terá que esmagar o outro... E' ainda corrente dizer-se que no Brazil não ha tal, como no Velho Mundo, essa opposição definitiva e radical entre a burguezia e o proletariado. A grande grêve de março, constitúi um ezemplo irrecuzavel do fenomeno, e só quem propozitadamente não quer ver pode ainda iludir-se...

Saiba o nosso proletariado aproveitar a dura lição. Reforce, solidifique, integralize a sua organização de classe. Que a sua atuação quotidiana, de educação pela luta, eleve cada vez mais a consciencia das massas á altura do momento historico que vivemos, fazendo de cada associação um batalhão aguerrido e de cada operario um rijo soldado da revolução. A guerra vai ser implacavel, e a vitória estará, como em todas as guerras, ao lado do mais forte. Si o proletariado quer vencer, si tem a firme determinação de vencer, ha um só e unico meio de vencer: tornar-se o mais forte. A grande lei do mundo é a força, é o ferro—e tudo o mais são iluzões ou hipocrizias perigozas.

A força da organização

Demonstração inequivoca e frizante de que a luta de classe se acha definitivamente aberta no Brazil, a grêve da Leopoldina constituiu por si mesma, pelo fato mesmo da sua declaração, um triunfo absoluto do princípio da organização. Com efeito, desde dezenas de anos que os empregados da poderosa Companhia eram miseravelmente explorados, vilipendiados, escarnecidos— e a tudo eles se submetiam passivamente, sem um jesto de rebeldia, sem um grito de revolta. Certo, a revolta, instintiva em todo o oprimido, remoia-os intimamente; mas



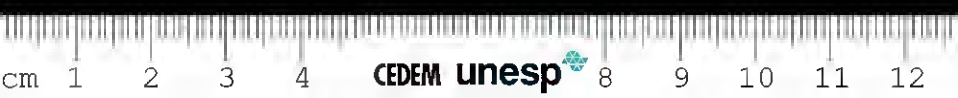
do intimo nacia, no intimo ficava... e só de raro em raro, nos temperamentos menos pacientes ou mais impulsivos, ela aflorava em imprecações... Eu proprio tive oportunidade, mais de uma vez, de sugerir, a um e outro desses martires do trabalho capitalista, o meio unico eficaz a empregar no sentido de opôr um dique á dez-humana opressão: a grêve... A resposta era invariavel:

—Sim, a grêve... mas não ha união...

Ezato. Sem união, sem organização, impossivel seria qualquer tentativa séria de defeza. Mas veiu enfim a união sonhada, a organização indispensavel—e a grêve em seguida, como uma sequencia necessaria e lojica. A rebeldia latente em todos os peitos explodiu, de um jacto, valorizada, multiplicada, potencializada pela força da organização. Vimos como se manifestou, desenvolveu e terminou o movimento. Vimos outras classes obreiras jogarem tambem a força da sua organização em apoio dos grévistas. Vimos a enorme repercussão da grêve em todo o paiz. Vimos todas as forças da burguezia—governo, imprensa, comereio, industria—coligaram-se unidas contra a coligação solidaria do proletariado. Vimos como este teve de ceder: diante da brutalidade deenfreada e momentaneamente invencivel da policia, do ezercito, da marinha,—todas as forças armadas da Republica postas pelo governo em defeza do capitalismo. O proletariado cedeu diante de uma força maior, mas cedeu sob o mais altivo protesto, deixando de pé a justiça de sua cauza, deixando patente, num ensaio antes apressado que maduramente preparado, o poder que já possui a sua organização de classe e o poder, que atinjirá em breve essa organização, quando levada a cabo numa agremiação completa e solida de todos os ramos do trabalho.

Tarefa urgente

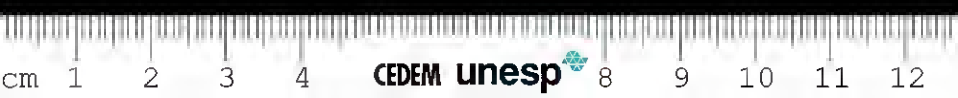
Ora, precisamente a esta urgente tarefa deve entregar-se o nosso proletariado: completar e solidificar a



sua organização. Esta foi, sem duvida, a melhor lição que nos ficou da grêve, lição que deve ser ponderadamente e enerjicamente aproveitada. E é com o intuito de contribuir para o bom desempenho dessa tarefa, que eu me permito, aqui, esboçar uma serie de sugestões praticas aos trabalhadores da Leopoldina.

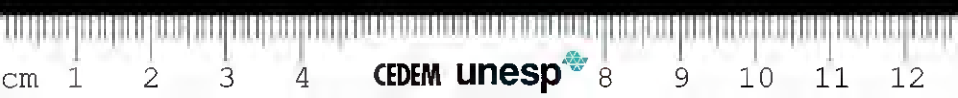
O primeiro nucleo associativo formado pelo pessoal da Leopoldina foi a Liga Operaria de Além Paraíba. Ai se preparou o movimento, dai saíram as reclamações enviadas à diretoria da Companhia, depois de acuradas discussões. A seguir, nas vespersas da grêve, fundou-se aqui no Rio a União dos Empregados da Leopoldina. Já antes da grêve e durante ela, instalaram-se, como sucursais da L. O. de Além Paraíba, novos nucleos em Bicas, Cataguazes, Macaé, Cachoeiras, Alto da Serra, S. Jeraldo, Niteroi e não scisi ainda outros. Isso tudo se fez com uma rapidez fulminante, surjindo esses nucleos num perfeito entendimento uns com os outros. Perfeito entendimento no sentido dos fins vizados. E' claro que, improvisados como foram, não podiam dispôr de um mecanismo completo e suficiente de comunicação e deliberações comuns—mecanismo imprecindivel á harmonia da ação coletiva nos movimentos de defesa da classe. Conclui-se, pois, dai, intuitivamente, que a criação desse mecanismo deve constituir agora o primeiro cuidado daqueles que se acham á testa da U. E. L., da L. O. de Além Paraíba e suas sucursais.

A meu ver, deverão as sucursais transformar-se em associações autonomias, no mesmo pé de igualdade da U. E. L. e da L. O., com as suas diretorias ou comissões administrativas proprias. Mais ainda: novas agremiações, com o estímulo e o aussilio das já ezistentes, deverão constituir-se em todos os centros onde sejam numerosos os empregados da Leopoldina. O entendimento se fará



então federativamente entre todos os núcleos associativos: um Conselho dos Trabalhadores da Leopoldina, composto de delegados—um, dois ou três delegados, conforme as conveniências e possibilidades—de cada um dos núcleos. A este Conselho ficará afeta a defesa dos interesses gerais da coletividade, em tempo normal ou em tempo de greve. Por outro lado, nas localidades onde, além da Liga ou União dos Empregados da Leopoldina, existir ou vier a existir federação ou união geral local, a esta federação ou união deverá desde logo aderir a associação dos ferroviários. Por exemplo, aqui no Rio, onde existe a Federação dos Condutores de Veículos, a ligar-se, em breve, segundo deliberação do recente 3.º Congresso Operário, á Federação dos Trabalhadores, á Federação das associações marítimas e á Federação Operária de Nitroci, para a constituição do Conselho Geral de todos os trabalhadores do Rio e cidades vizinhas. Este é o meio de manter constantes e efetivos os laços de mutua solidariedade entre os ferroviários e as outras classes. Outro problema de organização a ser enfrentado e resolvido é o da federação geral dos ferroviários de todo o país. Criado que seja aqui o Conselho dos Trabalhadores da Leopoldina, poderá este tomar a si a iniciativa, entrando logo em comunicação com as demais organizações ferroviárias das outras estradas. Em Pernambuco, Alagoas, Paraíba (Western), em S. Paulo e Paraná (várias estradas), no Rio Grande do Sul já existem, mais ou menos solidas, essas organizações. E' pois o caminho já aberto e iniciado para a constituição da Federação Nacional dos Ferroviários.

Assim, os trabalhadores da Leopoldina, que tão bela prova deram de energia e capacidade, têm um grande trabalho de organização a executar. Si atacam o problema com animo ponderado e resoluto, com audacia e fir-



meza, realizarão uma obra formidável, que ha de gravar-se na historia das lutas do proletariado brasileiro como um dos seus mais belos padrões da gloria. Segundo esbocei acima, deverá a organização subdividir-se em tres ramos: a do pessoal da Estrada em associações autonomas ligadas entre si pelo Conselho de delegados; a de cada associação federando-se á união jeral local, onde houver; e a federação do Conselho com os demais conselhos ou organismos centrais das outras estradas de ferro do paiz.

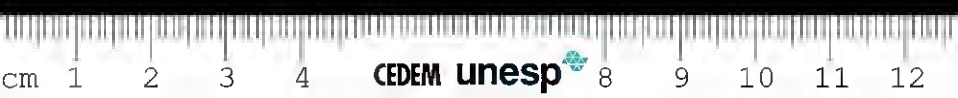
Levada esta obra a bom termo, veremos então a que se reduzirá a arrogante prepotencia de padrões e governos...

Organização contra organização

A força da burguezia reside na sua organização. Organização economica, organização politica, organização militar. Ora, dezorganizado, jamais poderá o proletariado lutar com ezito contra a burguezia organizada. A luta deve ser de organização contra organização. Primeiro que tudo, pois, ha que organizar as hostes proletarias—dezenvolvendo as agremiações já ezistentes, agremiando as classes ainda não organizadas, solidificando e unindo todas num só élo de inquebrantavel solidariedade. E então... a organização mais forte que esmague a outra definitivamente. Porque não ha terceira solução para o problema historico dos nossos dias: ou o predomínio da burguezia com a escravização completa do proletariado, ou a emancipação do proletariado com o esmagamento completo e o consequente desaparecimento da burguezia.

Abril de 1920





Coleção "SPÁRTACUS"

O grupo editor de "SPÁRTACUS", tendo em caixa ainda algum dinheiro, recebido posteriormente à sua suspensão, resolveu empregar essa quantia na edição de uma serie de brochuras. A esta, seguirão outras, conforme as possibilidades, sendo previamente anunciadas na "VOZ DO POVO".

Toda a correspondencia referente a estas edições deverá ser dirigida ao mesmo endereço de sempre: **Astrojildo Pereira—Caixa postal 1930—Rio de Janeiro.**

Importante—Todas as cartas para a Caixa 1930, com valor ou não, deverão ser registradas.



Aos revendedores far-se-á um abatimento de 30 % para as encomendas de folhetos superiores a 50 exemplares.

"VOZ DO POVO"

Orgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro e do Proletariado em geral

ASSINATURAS:

DOZE MEZES.	25000
SEIS MEZES	15000
TRÊZ MEZES.	8000
UM MEZ.	3000

Redação e administração: Avenida Rio Branco 173, 2.º - Rio de Janeiro.

000848

